

Aula 17 – Natureza e criação – um caminho eco-teológico para salvar o planeta

Adilson Schultz

1. As três ecologias na perspectiva da Consciência Planetária

O debate em torno da crise ambiental mundial tem o mérito de acercar ao imaginário geral um tema outrora restrito a nichos governamentais e sociais ligados à ecologia: a questão da consciência planetária. Graças às ameaças de superaquecimento global, de elevação do nível do mar, da escassez de água ou do uso e abuso dos recursos naturais, a ortodoxa ecologia finalmente popularizou-se.

Vêm-se cada vez mais iniciativas populares e oficiais, mais ou menos organizadas coletivamente, que tentam colocar em circulação uma preocupação com o Meio Ambiente e com o bem-estar da coletividade, indo desde o uso racional dos recursos naturais até a simples separação de lixo nas residências e condomínios.

No contexto da Consciência Planetária, vai sendo forjada uma certa *ecologia ambiental*¹ que busca não apenas salvar o planeta, mas também repensar e refazer a relação das sociedades com o meio ambiente no qual se vive, na busca de uma sociedade sustentável e ecologicamente correta.

Não bastasse esse despertar ambiental, a questão da Consciência Planetária engendra também uma certa *ecologia social*, resgatando e atualizando as análises críticas ao sistema econômico capitalista, denunciando a voracidade consumista, presenteísta e individualista da subjetividade contemporânea. A exclusão social, a fome, a guerra, a escassez de moradia, a desigualdade econômica, enfim, toda a engenharia social, estaria perto do colapso e precisando ser reinventada.

Finalmente, para além da ecologia ambiental e social, o debate da consciência planetária abre a reflexão em torno de uma certa *ecologia mental*: é a própria constituição humana em suas relações, ideologias e espiritualidades que estaria em crise e necessitando ser repensada e recriada. As ideologias e os sistemas de sentido patriarcais, por exemplo, levam ao colapso das relações humanas porque forjariam um ser humano egoísta, auto-suficiente e autoritário que não cumpre o ideal humano relacional, amoroso e responsável uns pelos outros². “A ecologia mental quer demonstrar que possuímos estruturas que nos conduzem a uma maior solidariedade e uma maior colaboração”³.

No âmbito da Consciência Planetária, às três ecologias – Ambiental, Social e Mental - pode ser agregada uma certa *ecologia espiritual*. Embora não separada das outras três, é inegável que colocada didaticamente a *ecologia espiritual* abre pensamentos e pontos de rupturas epistemológicas profundos na teologia e na espiritualidade contemporâneas. Enquanto sistema de saber que trata do ser humano e do mundo em relação a Deus, a teologia faz discursos e sistematiza práticas religiosas

¹ A teoria das “três ecologias” – ambiental, social e mental - está magistralmente disposta em GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. 17ª. ed. Campinas : Papirus, 1980.

² Gregory BATESON (1980) apud GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. 17ª. ed. Campinas : Papirus, 1980, fala em “ecologia das idéias”, para referir-se à *ecologia mental* , numa tentativa de escapar tanto da exclusividade dos condicionamentos externos - ambientais e sociais - da ecologia quanto dos exclusivamente internos - psicológicos. O sistema de idéias está organizado na *mente*, ou no *espírito*, cujas fronteiras ou domínios estão muito além do próprio indivíduo.

³ BOFF, Leonardo. *Dimension política y teológica de la ecologia*. Habana : Consejo Ecumênico de Cuba, Centro Memorial ‘Dr. Martin Luther King, Jr.’, 1994.

no âmbito das três ecologias – mental, ambiental, social -, abrindo a possibilidade de formulações desafiadoras para uma Consciência Planetária Espiritual.

2. Dominar, cultivar ou guardar o mundo?

A teologia e a fé cristã entram no debate da Consciência Planetária já profundamente marcada pela ecologia ambiental. Basta dizer que no âmago da experiência humana em relação a Deus está o serviço de *cultivar e guardar* a Criação de Deus, conforme registro das Sagradas Escrituras em Genesis 2.15. Do ponto de vista da fé, a tarefa de cultivar e guardar marca a relação *espiritual* do ser humano com o mundo. Cuidado do Planeta é questão de fé.

Colocado como obra de Deus cuidada pelo ser humano, o Planeta/Criação ameaçado de destruição é uma pergunta aberta e latejante colocada pelo Criador à criatura. No ato da pergunta está denunciado o eterno desejo do humano de querer colocar o condicionado no lugar do Incondicionado, gerando estruturas de destruição que aniquilam a realização plena da humanidade – em linguagem teológica: a ausência de Consciência Planetária é o pecado que leva ao Mal da Crise Planetária.

O teólogo e pensador Jürgen Moltmann⁴ critica abertamente a interpretação de que o ser humano é a “coroa da criação”. Essa perspectiva antropocêntrica é a responsável, entre outras coisas, pela interpretação desastrosa do Gênesis dando conta do fato de que Deus teria colocado toda a natureza à disposição e ao bel-prazer do ser humano. O ser humano não é o Senhor do Mundo! Moltman reinterpreta o texto e diz que a coroa da criação não é o ser humano, mas o dia do Sábado: Deus fez tudo para descansar! O ápice da criação está no dia de Descanso, o deixar descansar a natureza e a humanidade, o interromper o trabalho. O ápice da criação não é a produção e a exploração da natureza, mas a convivência num dia de descanso.

3. Tudo o que se move é sagrado!

Consciência Planetária e fé se encontram especialmente na busca do sagrado que marca as sociedades em todos os tempos e lugares. A pressão técnica e científica certamente *desencantou* o mundo de muitas pessoas, às vezes de povos inteiros. Recuperar o encanto do mundo dessas pessoas, bem como criar novas estruturas para veicular o Sagrado da Vida nos âmbitos mais *encantados*, é tarefa da dimensão espiritual da Consciência Planetária.

Do ponto de vista teológico, o sentido mais profundo da vida - ou o Sentido dos sentidos -, é a busca constante das pessoas que se movem por uma experiência com o sagrado, acolhedora e pacífica. Tratar de Consciência Planetária, nesse sentido, significa encetar uma ética do encanto e veneração do sagrado no âmbito da ecologia ambiental, mental e social. Aí se denuncia que a destruição dos ecossistemas ambientais significa também a destruição dos sistemas espirituais marginais, especialmente os ancestrais ou periféricos. Abre-se aí o campo do desenvolvimento espiritual sustentável, na contra-mão da *monocultura* religiosa generalizada.

Nesta perspectiva de busca do sagrado, a teologia e o mundo da fé insistem em dizer que tudo é âmbito do sagrado, e que por isso tudo é santo e santificado. Tudo está tocado pelo sagrado – daí que no ambiente de destruição ecológica ambiental, social e mental, tudo está profanado. A teologia insiste em reconhecer vestígios de Deus em todo o mundo, em todas as relações, em todos os ecossistemas, em todas as estruturas sociais e relacionais. E justamente por isso o mundo precisa ser *guardado* e

⁴ Jürgen MOLTSMANN, **Deus na criação**. Petrópolis : Vozes, 1992.

cultivado. Abre-se aí uma nova fronteira teológica, visto que o objeto da teologia expande-se e se torna planetário, temporal e espacialmente.

4. A tarefa espiritual de reunir e religar

Nesse processo de sacralização do mundo, expande-se o papel re-ligador, regulador ou restaurador da espiritualidade, indo para além do humano. O fracasso das religiões no papel de restaurar as relações humanas, sociais, ambientais e espirituais é evidente no ambiente da Crise Planetária. A Consciência Planetária que se abre significa repensar essa função restauradora da religião enquanto lugar para “criar relações, de re-ligar as pessoas entre si, com a Terra, com as forças da natureza.”⁵ Essa restauração passa por criar sistemas subjetivos para nos educar a amar a Terra, e não apenas o Céu.

“O atual movimento humano em função do sagrado e em torno das religiões e espiritualidade pode ser uma reação à profanação excessiva do mundo. Uma verdadeira obsessão, uma desesperada tentativa de manter o poder do sagrado – de manter-se no sagrado, manter a sacralidade de outros objetos e espaços de adoração e, sobretudo, manter a integridade espiritual e a totalidade do seu ser”.⁶

5. Naturalização da cultura e culturalização da natureza

O movimento de Consciência Planetária abre também o inevitável tema da naturalização da cultura e de culturalização da natureza - ou a própria superação da diferença entre natureza e cultura⁷, conforme levantado por Leonardo Boff. Ao reconhecer-se parte do Planeta, surge a consciência da profunda conexão entre cultura e natureza. “A natureza não é mais considerada um objeto a ser explorado, mas uma parceira com a qual é preciso contar.”⁸ “Dizendo-o ou não, estando consciente ou não, a sensibilidade ecológica repousa sobre uma correspondência mágica com a natureza (...) Se está em presença de uma ‘participação mística’.”⁹ Nosso senso de coletividade não repousa mais sobre o estar-junto com seres abstratos, mas com o meio circundante concreto, com a natureza.

Gilbert Durand denominou essa conexão ou participação natureza-cultura de “trajeto antropológico”¹⁰, conceito com o qual tenta dar conta da via ou linha que liga o natural ao cultural. Ou seja: todas as significações imaginárias, todas as idéias ou todos os fatos sociais ocorrem no vínculo dos dois domínios, natureza e cultura. A produção de subjetividade que estaríamos assistindo atualmente no âmbito da Consciência Planetária se consolida como um caldo que emerge do natural e do cultural.

Inspirado em Lévi-Strauss, Michel Maffesoli fala em “busca de correspondência” ou “enraizamentos” que ligam nossa cultura à sua dimensão natural, esses lugares onde acontecem processos de aproximação natureza-cultura quase que

⁵ GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo : Olho D’água, 1997.

⁶ ROESE, Anete. *Religião, crise de sentido e desamparo espiritual*.

⁷ MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis : Vozes, 1998.

⁸ MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre : Sulina, 2007.

⁹ MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*.

¹⁰ DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral*. 3. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2002.

espontaneamente ao nosso redor, tornado evidente como a correspondência entre a dimensão natural e a dimensão cultural estão cada vez mais evidentes nas novas configurações sociais.

“A noção de correspondência configura-se como ponto nodal, que assegura a junção destas três dimensões estruturantes de todas as sociedades: a relação à alteridade natural, a relação à alteridade social e o conhecimento que delas se pode ter. É o que podemos resumir, de um modo algo insolente, nestes três termos: ecologia, socialidade e gnoseologia. Contra as diversas abordagens redutoras, será necessário pensar, ao mesmo tempo, esses três elementos e seu entrecruzamento (...) Será preciso demonstrar o vai-vém constante, que estrutura a culturalização da natureza e a naturalização da cultura.”¹¹

6. Da dominação para a consciência Planetária

Para além das questões ligadas à natureza, a consciência planetária pensada em perspectiva eco-teológica e do mundo da fé dá conta de que o ser humano não está sozinho no mundo. Ele é apenas mais um ser, que vive, junto com todos os outros, na companhia do Espírito, que tudo mantém vivo. Consciência planetária diz respeito ao cuidado do mundo como boa criação de Deus. A crise ecológica, nesse sentido, nunca é apenas uma questão de natureza, mas especialmente a crise do modelo de dominação do ser humano em relação à natureza. Está em crise a relação de dominação do ser humano com a natureza, a relação de dominação do ser humano em relação a outros seres humanos e, nessas duas crises, aquela essencial, a crise de fé do ser humano. O ser humano está separado de Deus, da natureza, e das outras pessoas. Crise de sentido do mundo, se dirá em linguagem filosófica, aquela parte da vida que pergunta pelos motivos de se viver, de se trabalhar, de se alegrar, de lutar...

7. Princípios de uma consciência planetária

O que seriam novos princípios de um sistema de sentido para uma consciência planetária? Uma passagem da linguagem da dominação para uma linguagem da liberdade e da singularidade das coisas, certamente seria a base metodológica desses princípios gerais:

- * As singularidades culturais, certamente: nada de homogeneidades e conservas culturais – musicais, educacionais, sexuais, etc....;
- * As singularidades espirituais, certamente: nada de igrejas ou religiões que fabricam seus fiéis em série;
- * Singularidades políticas, certamente: nada de tolerância à violação dos direitos humanos de qualquer ordem;
- * Singularidades biocientíficas, certamente nada de perspectivas universalistas na medicina, nos tratamentos médicos e nas certezas científicas;

Na ponta positiva dos princípios de uma consciência planetária, os valores da Mutualidade, da Interdependência e da reciprocidade, mostrando como precisamos uns dos outros para vivermos, e como só assim temos chances reais de viver.

8. Deus no fim e no princípio de todas as coisas

A primeira palavra da bíblia hebraica é Bereshit, que significa No princípio. Esse princípio não tem sentido apenas de no começo, ou no início, mas também e

¹¹ MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*.

especialmente de “na base”. Esse Bereshit ilustra bem como a perspectiva teológica da questão da consciência planetária e da criação nunca é uma questão meramente histórica. Não trata essencialmente nem das questões do passado - *de onde viemos? Como se formou o mundo? A teoria da evolução está correta?*, nem das questões do futuro – *qual será o futuro da humanidade? Estamos destruindo o mundo! O que será das gerações futuras?*

A teologia e a perspectiva da fé não tratam o capítulo da Criação como uma coisa que aconteceu antigamente, mas como descrição que fala da relação do ser humano e do mundo com Deus. Trata da questão da finitude do ser humano e de todas as coisas, e aí toca a vida no limiar da existência nesse mundo, inclusive com a perspectiva da morte. Aí a teologia e a perspectiva da fé descobrem a perspectiva de ser criatura de Deus, e não mero fruto do acaso.

Se fosse possível resumir numa frase a contribuição da teologia para a questão da Consciência Planetária, poder-se-ia falar da incontornável ousadia dos fiéis em denominar a natureza, o meio ambiente, o mundo das idéias, a cultura, os sentimentos e os desejos... enfim, tudo o que existe, de “Criação”, colocando-se no mundo não como seres humanos apenas, mas como criaturas de Deus.